

NEGRAS GRAFIAS CONTEMPORÂNEAS: DAS ESCREVIVÊNCIAS AOS GESTOS PERFORMATIVOS¹

CONTEMPORARY BLACK WRITINGS: FROM ESCREVIVÊNCIAS TO PERFORMATIVE GESTURES

Cristian Souza de Sales²

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande e, sim, para incomodá-los em seus sonos injustos (Conceição Evaristo).³

No ato de escrever, registrando-se as particularidades de cada voz, assim como os respectivos contextos geográficos, históricos, sociais e políticos, Conceição Evaristo e Mayra Santos Febres produzem um trabalho intelectual que procura transgredir as normas impostas pelo tecido social, questionar as suas regras e determinações geradas no interior de ideologias falocêntricas e etnocêntricas, movimentando-se fora dos padrões hegemônicos que obliteram a participação política de grupos considerados minoritários, reagindo contra as desigualdades de raça, gênero e classe. É importante ressaltar que o termo gênero passou a corresponder às afirmações que compreendiam as relações desiguais entre homens e mulheres como construções a partir de um discurso social que explica as funções destinadas a cada uma(um).

Assim, marcar a palavra intelectual significa posicioná-las em

1 Uma primeira versão deste ensaio esteve na base de comunicação apresentada nas XII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana – JALLA, realizada na cidade de La Paz, Bolívia, no ano de 2016.

2 Doutoranda em Literatura e Cultura, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, na linha de pesquisa “Documentos da Memória Cultural”.

3 Trata-se de um conceito agenciado pela escritora Conceição Evaristo (2008). Para Evaristo, a escrevivência representa a escrita de um corpo, de uma condição a partir da experiência negra no Brasil. Fragmento retirado do blog da escritora: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>.

um lugar de enunciação privilegiado, exercendo uma função política normalmente atribuída aos que detém o poder em uma sociedade (homens, pessoas brancas etc.). Ler a mulher negra como intelectual, produtora de saberes sobre o mundo e a ciência das letras, de um debate filosófico sobre a ancestralidade e a existência sob uma perspectiva que se diferencia das teorias ocidentalizadas.

No ensaio *Da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira*, publicado pela Fundação Palmares, em 2005, Conceição Evaristo que é mineira de Belo Horizonte, nascida em 1946, reflete sobre a presença da mulher negra, enquanto personagem, em obras literárias consideradas canônicas. Para tanto, recuperando textos e vozes, a autora defende que, desde o século XVII, com Gregório de Matos Guerra, apelidado de boca do inferno, as imagens produzidas para as mulheres negras são calcadas em estereótipos depreciativos.

A partir dessa genealogia literária, Evaristo observa que as formas de enunciação construídas para as mulheres negras e disseminadas pelo imaginário coletivo do século XVII até a contemporaneidade, por meio de inúmeros textos ficcionais, foram e são engendradas por discursos racistas e sexistas, baseados na ideia de um corpo-procriação ou um corpo-objeto.

Além desse ensaio, Conceição Evaristo publicou outros trabalhos, nos quais constrói posicionamentos sobre as mais diferentes temáticas, entre elas destacamos reflexões sobre literatura de autoria de negra no Brasil, questões relacionadas ao seu processo criativo que ela chama de “escrevivência”, mercado editorial, resistência, escrita de mulheres negras, gênero e raça. Dentre seus artigos e ensaios se destacam: *Gênero e etnia: uma escrevivência de dupla face* (2005); *Vozes Quilombolas: literatura afro-brasileira* (2006); *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2007); *Dos sorrisos, dos silêncios e das falas* (2009); *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira* (2010); *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009); *Chica que manda ou a mulher que inventou o mar* (2011).⁴

4 Com um vasto repertório de obras literárias publicadas no Brasil com traduções no exterior, Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Conceição Evaristo estreia em 1990, na série *Cadernos Negros* (1978), publicação organizada, pelo grupo Quilombhoje, dedicada à literatura negro-brasileira, com o poema *Vozes-mulheres*.

Dos ecos e ressonâncias das vozes femininas que surgem em sua escrita, seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003, no Brasil e traduzido ao inglês em 2007. Publicou o romance *Becos da memória*, em 2006, relançando-o em 2013, seguido de uma obra poética com o título *Poemas da recordação e outros movimentos*, lançada em 2008. Em seguida, foi publicada a coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e, mais recentemente, outra antologia de contos intitulada *Olhos d'água* (2015), cujas narrativas denunciam a pobreza e a violência urbana que acometem população negra, composta por uma galeria de personagens: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta.

Assim, as potencialidades do trabalho intelectual de Conceição Evaristo podem ser observadas, tanto nos textos ficcionais, assim como em seus textos não ficcionais, desestabilizando noções essencialistas da nação e da identidade nacional. Como intelectual, a autora evidencia que “um grupo não é uma entidade natural ou divina, e, sim, um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado”, conforme defendeu Edward Said. (SAID, 2005, p. 44).

Nesse caso, em particular, no que diz respeito à representação de grupo pelo discurso hegemônico e a fabricação de imagens depreciativas, Evaristo observa como as construções literárias de personagens negras pela literatura canônica no Brasil, engendradas por estereótipos, funcionam no imaginário coletivo:

a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, 2005, p. 52).

Para Evaristo, se há uma literatura que inviabilizou ou ficcionalizou as mulheres negras através de estereótipos vários, por outro lado, “há um outro discurso literário que pretende rasurar” esses modos consagrados de representação. (EVARISTO, 2005, p. 52) Para tanto, a escritora diz que, embora representados à sua revelia, é preciso ressaltar, a partir de história de lutas e conquistas em seu passado, como esses grupos podem

se autorrepresentar, destacando-se, nesse aspecto, a importância da escrita de autoria feminina, conforme lemos no fragmento: “assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação” (EVARISTO, 2005, p. 52, grifos da autora).

Ao evidenciar o seu posicionamento político, a proposta de Conceição Evaristo não é conciliadora ou, tampouco, pacificadora. Ao contrário, ela desenvolve seu “ser no senso crítico que reluta em aceitar formulas fáceis ou clichês prontos na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis” (SAID, 2005, p. 35). Essa ênfase no dever de recusar as narrativas tradicionais ou clichês prontos pressupõe um olhar que não toma a nação e seus discursos presentes na literatura canônica – ou quaisquer outras fontes de poder e autoridade manifesta – como entidades fechadas, sólidas, insondáveis ou inquestionáveis.

Na condição de intelectual, Conceição Evaristo enuncia uma voz interessada em analisar a retórica das nações, suas narrativas e as maneiras como elas são imaginadas e construídas, na literatura canônica, a fim de compreender e questionar seus pressupostos e realizar tensionamentos:

Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais (EVARISTO, 2005, p. 53).

A autora produz, então, uma aliança entre a contingência histórica reclamada pelos grupos minoritários e a necessidade agenciada pela vontade epistemológica de construir conhecimento quanto ao seu estar no mundo, um movimento quase que inseparável das experiências cotidianas e singulares vivenciadas como mulher negra. O seu olhar direcionado para os discursos literários e suas formas de reprodução de imagens sobre os corpos das mulheres negras, tem a tendência de “ver as coisas não apenas como elas são, mas como se tornaram o que são” (SAID, 2005, pp. 66-67).

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um

sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

Afastando-se sempre das autoridades centralizadoras em direção às margens, onde se podem ver coisas para além do convencional e do confortável (SAID, 2005), pode-se observar que na escre(vivência) das mulheres negras, Evaristo encontra o lócus discursivo de sua atividade intelectual, tanto do ponto de vista do conteúdo, assim como no da autoria e de sua escrita, a construção de “desenho de novos perfis na literatura brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 54). Contrariando expectativas e falando a verdade ao poder da autoridade falocêntrica e etnocêntrica, a escritora defende que, na literatura feita por mulheres negras no Brasil, o “corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Nascida na Ilha Caribenha de Porto Rico, em 1966, na cidade de Carolina, publicando as suas produções em diferentes revistas e periódicos nacionais e internacionais, desde a sua estreia em 1984, Mayra Santos Febres escreve poemas, contos, novelas e romances, os quais tem feito circular, não apenas em Porto Rico, mas em países como Argentina, Brasil, Cuba e Espanha, além de traduções nos Estados Unidos, na Itália e na França. Movendo-se em diferentes espaços como ensaísta, contista, novelista e romancista, Santos Febres também é professora da Cátedra de Literatura Latino-Americana e Caribenha da Universidade de Porto Rico, com doutorado e pós-doutorado em literatura, atuando como professora visitante na Harvard University, Cambridge e Cornell University, e em algumas universidades na América Latina, a exemplo da Universidad Autónoma de Yucatán, no México.

Em sua trajetória intelectual, aparecem vários prêmios internacionais de literatura, tendo em vista que as suas obras chamam atenção a partir de um conjunto de textualidades reconhecidas como literatura caribenha contemporânea. A escritora afro-portorriquenha publicou também os seguintes livros: *Peç de vidro* (1994); *El cuerpo correcto* (1996); *Tercer mundo*

(2000); a novela traduzida para o inglês, francês e italiano intitulada *Sirena Selena Vestida de Pena* (2000); *Cualquier miércoles soy tuya* (2002); *Sobre Piel y Papel* (2005); *Nuestra Señora de la Noche* (2006); *Fe en disfraz* (2009); e, finalmente, a obra de título sugestivo *Tratado de Medicina Natural para Hombres Melancólicos* (2011).

Esses textos são narrativas, memórias, reflexões e histórias que seguem o fluxo das águas dos oceanos. Elas migram de um espaço geográfico a outro, de um continente a outro, formando laços simbólicos com várias/outras diásporas. No Brasil, Santos Febres aparece em duas publicações. O conto *Resinas para Aurélia* foi traduzido para o português no livro *Terras de Palavras* (2010). Já em 2010, o ensaio intitulado, *Mas mujer que nadie*, cuja análise está centrada na personagem afrodescendente do conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector (1977), pode ser lido na Revista da Associação de Pesquisadores Negros (ABPN).

Nas obras literárias mencionadas, reverberando discursivamente um estado de consciência de si quanto suas às raízes ancestrais, culturais e o seu pertencimento de gênero, Santos Febres exercita a sua liberdade de expressar conteúdos relacionados às mulheres afro-caribenhas e latino-americanas, imprimindo, em seus textos, uma linguagem, cujos atos de fala, em sua eficácia performativa, violenta e arbitrariamente solicitam (no sentido derridiano de “sacudir”) os espaços de inteligibilidade, de regulação e de legitimação do poder, especialmente em Porto Rico.

Mayra Santos Febres é uma intelectual afro-caribenha que carrega dentro de si um passado – como cicatrizes de feridas difíceis de serem curadas. As feridas não cicatrizadas parecem servir de elementos para práticas diferentes, como visões potencialmente revistas de uma memória individual e coletiva, como se torna exemplar no ensaio *Confesiones de una mujer lucía*. O seu posicionamento teórico-crítico desmonta jogos discursivos, interpelando as metáforas, não mais e apenas pela subversão paródica de seguir o modelo, mas para, em uma operação de caráter reversor, excedê-lo ou ironizar seus significados. Seu olhar pós-colonial relê e deslê as tradições hegemônicas munida de sua visão estereotípica quanto aos papéis desempenhados pelas mulheres afro-caribenhas em Porto Rico. Interessa, portanto, desse lugar que ocupa como intelectual, em que

intencionalmente colocamos neste ensaio, construir gestos performativos de gênero e de raça que falem a “verdade ao poder da autoridade”, seja através de um romance, de um conto, de uma poesia, de um artigo ou em formato de ensaio, atravessando, através da linguagem, as fronteiras entre o literário e não literário (SAID, 2005, p. 36).

O ensaio *Confesiones de una mujer lucía* integra a coletânea intitulada *Sobre Piel y Papel*, publicada em 2010, pelas edições Callejón.⁵ Nele, Santos Febres reúne vinte e cinco textos de sua autoria, chamando atenção para as mais variadas temáticas, dentre as quais apontamos algumas: questões ligadas à produção literária nas ilhas caribenhas; formação do cânone; o espaço destinado à produção de autoria negra em Porto Rico (modos de produção e circulação); identidade nacional e cultural; tensões de raça e classe; o feminismo negro; a violência de gênero; o acesso à educação; as crescentes e importantes estratégias de empoderamento da mulher no Caribe contemporâneo, entre outras.

Em *Confesiones de una mujer lucía*, um texto não literário de estilo híbrido, movimentando-se entre as fronteiras do ficcional e o confessional, Santos Febres constrói uma personagem feminina que, nas tramas de sua escrita performativa de gênero e raça, busca transgredir as normas impostas e liberar as mulheres afro-caribenhas do discurso normatizador da tradição patriarcal:

5 A obra é dividida em três momentos intitulados, respectivamente: *Labia* (falar/saber falar/ter astúcia/saber/reconhecer), *Piel* (pele/cor/raça/etnia) e *Papel* (escrever/pensar/refletir/propor). *Labia* apresenta oito ensaios, seguido de *Piel* também com oito ensaios e *Papel* com onze. Ao interpretar cada expressão, situando-as historicamente em seu espaço-tempo, penso que elas potencializam múltiplos significados e intenções da autora, uma vez que mencionam de forma implícita e política, a importância do uso da voz e da escrita para as mulheres afro-caribenhas em Porto Rico. Em *Labia*, são publicados oito ensaios, entre eles, *Confesiones de una mujer lucía*. Nessa seção, Santos Febres agencia reflexões sobre o feminismo negro, estratégias de empoderamento, travestimento, corpo, erotismo, performatividade intelectual, violência de gênero e raça, acesso ao mercado de trabalho e à educação em Porto Rico. Na segunda seção, designada de *Piel*, a escritora analisa a problemática racial no Caribe Hispânico e em Porto Rico, revelando as suas tensões e conflitos, conforme lemos nos fragmentos: “en la literatura porto-riquenha casi todo es posible.” (p. 67); “Los Orígenes del miedo a lo negro son los causantes... de la historia negra de Puerto Rico permanezca silenciada y oculta” (p.137). Por outro lado, em *Papel*, a autora trabalha a relação entre literatura e memória. Todos os textos encerram com uma crítica ao eurocentrismo e ao cânone literário, buscando problematizar o espaço destinado à literatura de autoria negra em Porto Rico e, além disso, desconstruir episódios do escravismo colonial, trazendo à tona narrativas e corpos silenciados e “elevar a la categoria de héroe a la gente común” (p. 178).

Una mujer lucía atenta contra las fibras más profundas del tejido social. No se sabe comportar como **una señora, silenciosa, recatada**, un tanto elusiva y formal, elegantemente lejana. [...] **El recato y la propiedad no son atributos celosamente cuidados por la mujer lucía** (SANTOS FEBRES, 2010, p. 13, grifos meus).

Para Santos Febres, no contexto caribenho, a presença de uma mulher “lucía” desempenha um papel bastante significativo, pois ela é capaz de mergulhar nas camadas mais profundas do tecido social e desconstruir representações de gênero estabelecidas por ideologias falocêntricas. No ensaio, chama atenção à importância de uma consciência política, cuja potência fornece os elementos necessários para desestabilizar categorias tradicionais de comportamento fixadas pela dominação masculina: “una mujer lucía... no se sabe comportar como una señora, silenciosa, recatada, un tanto elusiva y formal, elegantemente lejana” (SANTOS FEBRES, 2010, p. 13).

Por meio de sua escrita ensaística, Santos Febres desvia-se da imposição e do controle exercido por certas palavras e expressões, produzindo novos sentidos de existência para as mulheres afro-caribenhas. É por meio dessa ação constituída de linguagem que a intelectual experimenta outras maneiras de pensar e escrever, tentando desvencilhar a “mujer lucía” das regulamentações instituídas pelas relações do poder do patriarcal. Contudo, Santos Febres assume os riscos de sua visão transgressora: “la mujer lucía está consciente de que enseñar más de lo permitido por la moda y la moral [...] Se percata del riesgo que corre. [...] Ella sabe que transgrede y que ser una mujer transgresora es ser una mujer criminal. Pero a Ella le gusta el peligro” (SANTOS FEBRES, 2010, pp. 13-14).

No ensaio *Confesiones de una mujer lucía*, Santos Febres reflete quanto à condição da mulher e, em particular, das mulheres afro-caribenhas, mobilizando considerações teórico-críticas que revelam a maneira como uma visão engendradora pelos debates influenciados pelas questões de gênero e raça, faz as suas escolhas, concebe o mundo e decide vivê-lo. A autora salienta que as normas e os hábitos aceitos pela sociedade podem ser transformados: “la mujer lucía se convierte en la manifestación chata

de la mujer alienada, la mujer dominada por su rol social” (SANTOS FEBRES, 2010, p. 16).

Santos Febres ameaça o *status quo* do patriarcalismo. Para ela, “esse atrevimiento necesario para imaginarse un mundo diferente” (SANTOS FEBRES, 2010, p.17). Daí, a necessidade de uma escrita atrevida que reinterpreta um campo de representações e transgride as fronteiras discursivas, porque a ensaísta afro-caribenha “sente a necessidade de fazê-lo”. (HOOKS, 1996, p. 468). Em sua perspectiva, a contestação desses valores deve ocorrer com “la presencia de una mujer lucía que desestabiliza los roles sexuales asignados por la sociedad. Ella [...] desmonta toda distinción entre decencia e indecencia, propiedad e improprio. El mundo entero participa de esse gran simulacro de libertad (SANTOS FEBRES, 2010, pp. 13-14).

Por meio de um senso crítico perspicaz e irônico, no ensaio *Confesiones de una mujer lucía*, Santos Febres é capaz de resistir aos estereótipos, de desenterrar o que estava esquecido, de “fazer ligações que eram negadas, mencionando, em sua escrita, caminhos alternativos” (SAID, 2005, p. 35). Contudo, “la [...] mujer lucía también tiene que enfrentar la ira de los hombres” (SANTOS FEBRES, 2010, p. 16). Para essa intelectual afro-caribenha, seu “ensayo nos prepara y tonifica los músculos del atrevimiento; esse atrevimiento necesario para imaginarse un mundo diferente, donde haya espacio hasta para bailar sobre las mesas de billar y ser libres al fin” (SANTOS FEBRES, 2010, p. 17).

Conceição Evaristo e Santo Febres são intelectuais que não representam “um ícone do tipo estátua”. Ambas as potências de voz apresentam “uma vocação individual, uma energia, uma força obstinada”, abordando com um corpo empenhado e reconhecível na linguagem de sua escrita e na sociedade “uma porção de questões, com uma combinação de esclarecimento e emancipação ou liberdade” (SAID, 2005, p. 78). É preciso ler a mulher negra como intelectual, produtora de saberes sobre o mundo e a ciência das letras, de um debate filosófico sobre a ancestralidade e a existência sob uma perspectiva que se diferencia das teorias ocidentalizadas. As escritoras agenciam perspectivas teórico-críticas, construindo saberes e conhecimentos para e sobre as mulheres negras. O ativismo político não

é apenas uma atividade desempenhada com a emoção do corpo. É um movimento em que as intelectuais podem também teorizar.

Considerando o ponto de vista proposto por bell hooks (1996)⁶ e Edward Said (2005), referindo-se à função de um intelectual em uma sociedade, Conceição Evaristo e Santos Febres procuram enfrentar o poder de autoridade com uma “personalidade poderosa, corajosa, persuasiva” (SAID, 2005, p. 21). Evidencia-se, em sua escritura de cunho revisionista, marcada por seu lugar de enunciação, a elaboração de um conjunto de ferramentas discursivas que operam simbolicamente outros modos de representação para as mulheres afro-caribenhas. Essa apropriação da escrita, pelas mulheres afro-brasileiras e caribenhas, é fundamental no processo de rompimento com um silêncio que lhes foi imposto ao longo da história. Assim, essa escritura é marcada por uma alteridade que lhe é peculiar, pois, a partir do comparecimento da voz feminina, guiada por uma linguagem potencialmente performatizadora de subjetividades, observo que existe o entrelaçamento da escrevivência marcado pelo individual e o coletivo, o político e o intelectual.

Referências

- EVARISTO, C. Cadernos negros: os melhores poemas, In: Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- EVARISTO, C. “Da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira”, In: Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- EVARISTO, C. “Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória”, In: Revista Releitura, Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, n. 23, novembro de 2008.
- EVARISTO, C. Poemas da recordação e outros movimentos. Coleção Vozes da Diáspora Negra. Belo Horizonte: Nandayla, 2008.
- HOOKS, B. “Intelectuais negras”, In: Estudos feministas. Rio de Janeiro: IFCS/ UERJ e PPCIS/ UERJ, v. 3, n. 2, 1995, pp. 464-469.
- SAID, E. Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶ Bell Hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora afro-americana, que escolheu esse apelido para assinar suas obras como uma forma de homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. Grafo o seu nome em letras minúsculas, atendendo ao pedido da própria autora que afirma o seguinte: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.

ENSAIO

SANTOS FEBRES, M. Por boca propia, In: Sobre Piel y papel: ensayos. 2. ed., Ediciones Callejón, 2010, pp. 67-71.

SANTOS FEBRES, M. Confecciones de una mujer lucía. In: Sobre Piel y papel: ensayos. 2. ed., Ediciones Callejón, 2010, pp. 13-17.

Data de recebimento: 12/11/2018

Data de aceite: 28/12/2018